



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

FERNANDA RAMALHO BARBOSA MUNIZ

**O SER PROFESSORA: UMA INVESTIGAÇÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE
IDENTIDADE E SATISFAÇÃO PROFISSIONAL COMO DIMENSÕES DE UMA
PRÁTICA**

Porto Nacional (TO)
2021

FERNANDA RAMALHO BARBOSA MUNIZ

**O SER PROFESSORA: UMA INVESTIGAÇÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE
IDENTIDADE E SATISFAÇÃO PROFISSIONAL COMO DIMENSÕES DE UMA
PRÁTICA**

Artigo científico apresentado à UFT -
Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Porto Nacional, para
obtenção do título de Licenciada em Ciências
Biológicas, sob a orientação da professora
Ma. Jemima Queiroz da Silva.

Porto Nacional (TO)
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

M966s Muniz, Fernanda Ramalho Barbosa.

 O ser professora: Uma investigação bibliográfica sobre identidade e satisfação profissional como dimensões de uma prática. / Fernanda Ramalho Barbosa Muniz. – Porto Nacional, TO, 2021.

 21 f.

 Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Ciências Biológicas, 2021.

 Orientadora : Jemima Queiroz Silva

 1. Identidade docente. 2. Satisfação profissional. 3. Ser professora. 4. Mulher na docência. I. Título

CDD 570

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FERNANDA RAMALHO BARBOSA MUNIZ

**O SER PROFESSORA: UMA INVESTIGAÇÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE
IDENTIDADE E SATISFAÇÃO PROFISSIONAL COMO DIMENSÕES DE UMA
PRÁTICA**

Artigo científico apresentado à UFT -
Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Porto Nacional, para
obtenção do título de Licenciada em Ciências
Biológicas, sob a orientação da professora
Ma. Jemima Queiroz da Silva.

Data de aprovação: 03/ 12 / 2021

Banca Examinadora

Prof. Me. Jemima Queiroz da Silva, UFT

Prof. Dr. Denise de Amorim Ramos, UFT

Prof. Me. Vanda Fernandes de Matos, Educação básica

RESUMO

O objetivo deste artigo foi analisar a trajetória da mulher na docência em suas vertentes identitárias e de satisfação profissional. Tratou-se de uma pesquisa bibliográfica, fundamentada nos descritores: mulher na docência, identidade da professora e satisfação profissional de professoras. Encontraram-se como principais indicadores resultantes aspectos que direcionam a constituição do papel da mulher na docência a fatores dos ofícios maternos, pessoais e profissionais. A construção da identidade é realizada através das vivências cotidianas e a satisfação profissional depende de conjuntos motivacionais existentes na vida da professora mulher.

Palavras-chave: Mulher na docência. Satisfação profissional. Identidade docente.

ABSTRACT

The objective of this article was to analyze the trajectory of women in the teaching profession in terms of identity and job satisfaction. This was a bibliographic research, based on the descriptors: women in teaching, teacher's identity and professional satisfaction of female teachers. It was found as main resulting indicators aspects that direct the constitution of the woman's role in teaching to maternal, personal, and professional craft factors. The construction of identity is carried out through daily experiences and job satisfaction depends on motivational sets that exist in the life of the woman teacher.

Keywords: Women in teaching. Job satisfaction. Teacher identity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFT Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A MULHER NA DOCÊNCIA: VOCAÇÃO E PROFISSIONALISMO	11
2.1 A mulher na docência: história e ‘vocaçãõ’	11
2.2 A identidade da professora	13
3 SATISFAÇÃO PROFISSIONAL	16
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS	19

1 INTRODUÇÃO

Ao adentrarmos na historicidade do contexto da profissão docente feminina é possível acompanhar os progressos conquistados no decorrer dos anos, a partir do século XIX constitui-se os passos da inserção da mulher na carreira do magistério. Argumentos fortes como a escolarização para todos no século XX fizeram com que a história da professora mulher tivesse seu precursor inicial.

Na perspectiva de Nóvoa (2019), a questão do tornar-se professor envolve uma certa obrigação em refletir a respeito de dimensões tanto do lado pessoal quanto do coletivo do professorado. Entender o percurso traçado pelas mulheres na docência até os dias atuais é um dos pontos-chaves nesse entrave transformador da educação, Neder (2005, p.55) respalda sobre o contexto histórico da profissão docente feminina no país, alguns fatores dessa história ainda são invisíveis, “[...] como grande parte da experiência vivida pelas mulheres por ausência de fontes ou pelo motivo da história universal ter sido narrada sob o ponto de vista masculino, favorecendo a invisibilidade das mulheres [...]”, mas que independente disso, as mulheres com o decorrer dos anos foram conquistando seu espaço, é inegável que ainda há muito o que mudar.

A mulher professora enfrenta paradigmas da construção identitária dentre os quais se destacam relevâncias de fatores sociais e culturais, pontua Ataíde e Nunes (2016). Assim como a identidade a satisfação da profissão docente norteia para as atividades maternas e profissionais, ambos os discursos das professoras mulheres sustentam a ideia de uma sobrecarga e falta de valorização profissional.

Objetivando a análise da trajetória da mulher na docência e a satisfação na profissão, é relevante a investigação uma vez que, por mais que algumas mulheres atestem ter encontrado na docência o lugar de realização, o caminho da professora mulher no magistério enfrenta questões de patriarcalismo, desvalorização salarial, sobrecarga, e questão sacerdotal em sala de aula, esses são exemplos de pilares que desqualificam a mulher na educação.

O interesse pela temática surge na convergência do campo de pesquisa sobre docência feminina e vivências acadêmicas formativas, no que concerne a construção da história da docência feminina no país, seus aspectos sociais, implicações e resultados. Muitas produções científicas contemporâneas abordam o magistério feminino em uma multiplicidade de perspectivas e é nesse sentido que esse artigo orienta reflexões sobre como as marcações sociais, culturais e históricas formam sistemas que fornecem elementos para o ser professora antes, durante e depois da formação inicial para a docência.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica realizada a partir de periódicos online, fundamentada nos descritores: mulher na docência, identidade da professora e satisfação profissional de professoras. As obras que corresponderam ao campo de pesquisa sobre a vocação na docência podem ser representadas Ferreira (1998), Almeida, Louro (2004), Chamon (2005). Em relação a construção da identidade da professora mulher, as obras que corresponderam a pesquisa estão representadas por Ataíde e Nunes (2016), Paula (2009), Gil e Pacheco (2020), Guimarães (2018) dentre outras. No que condiz ao campo da satisfação profissional, emergiram como fontes representativas Pedro e Peixoto (2006), Wiebush et al (2020), Shuch (2016) e Coelho (2001).

2 A MULHER NA DOCÊNCIA: VOCAÇÃO E PROFISSIONALISMO

Esta seção tem como objetivo apresentar a construção histórica da mulher na docência em âmbito nacional, delineado a partir das representações da mulher como cuidadora, mãe, portadora de vocação natural para o cuidado como princípios basilares da atuação profissional feminina na escola.

2.1 A mulher na docência: história e ‘vocação’

O processo de feminização na docência ocorreu mundialmente no século XIX que, de acordo com Ferreira (1998), tem como aspectos mobilizadores as transformações econômicas com a expansão da industrialização, urbanização e conseqüente aumento do número de escolas pelo crescimento das cidades. Os efeitos provenientes desse novo contexto são alterações na organização social do trabalho: à docência passou a ser oportunidade para as mulheres em meio a escassez de formação profissional e atividade profissional com desvantagem econômica para os homens.

No contexto nacional nesse mesmo recorte histórico, século XIX, Almeida (1998) afirma que em detrimento das novas configurações socioeconômicas, o magistério configurou-se elemento de inserção feminina ao mercado de trabalho. Ainda que a sua aceitação estivesse relacionada a extensão das atividades doméstica, postas na identificação da professora-mãe-cuidadora. O ingresso no magistério significou uma convocação por afinidades de características socialmente determinadas, “[...] senhoras que por sua honestidade, prudência e conhecimento se mostraram dignas de tal ensino, compreendendo também o de coser e o de bordar [...]” (LOURO, 2004, p. 457).

À vista disso, em 1827, no Brasil aconteceu a primeira lei de ensino que deu direito a mulher poder aprender, porém a lei não previa e não aceitava a educação conjunta para pessoas dos dois sexos na escola e ainda reforçava que houvesse diferenças nos conteúdos curriculares. Fato esse que infligia desigualdades às mulheres em relação aos professores homens, tanto no campo do conhecimento, quanto no âmbito salarial. As professoras eram isentas de ensinar a geometria, por exemplo, incidindo em uma remuneração comparativamente inferior (BRUSCHINI; AMADO, 1988). Considera-se que, mesmo com leis que permitiam a permanência das mulheres na educação e sua inserção na docência, alguns empecilhos como o “controle” limitado de ensino e de aprendizagem ocorria.

Com a aprovação da escola pública no Brasil, no início do século XX, intensificou-se a solicitação da presença da mão de obra feminina, com o argumento do alcance da escolarização a todos, inclusive às classes populares, isto porque “[..] era

preciso de um corpo estável de profissionais que não buscasse no salário, o motivo de seu ofício [...]” (CHAMOM, 2005, p. 80). Verifica-se uma natureza do trabalho da mulher na docência substanciada na maternagem como missão, na qual ensinar é cuidar e cuidar é ensinar, e a remuneração é elemento prescindível.

À esteira das transformações sociais, culturais e políticas, nas décadas de 1950 a 1980, há mobilizações de professoras para reivindicação de melhor remuneração e qualificação profissional. No entanto, mesmo diante desse movimento, renovam-se estatutos materiais e simbólicos, que são as desigualdades salariais de gênero e os discursos das docentes sobre a formação com fundamentos naturalmente femininos de amor, cuidado, doçura e delicadeza (FERREIRA, 1998).

A imposição formativa sobre a professora, de diferenciação das capacidades intelectuais e comportamentais, implica em dois efeitos de sentido que reverberam, atualmente, nos discursos sobre a docência como vocação: um deles é a crença vocacional para a docência, que antecede o exercício profissional, e o outro, a identificação como produto do exercício profissional, de modo que “[...] algumas professoras se percebem como vocacionadas, enquanto outras admitiram que começaram a se identificar com a docência no decorrer de sua experiência profissional [...]” (ATAÍDE; NUNES, 2016, p. 179).

Esse conceito de mulher na docência produziu e ainda produz um sentido de docilidade e submissão materializados nos discursos de escolha pelo magistério, sendo “[...] marcadamente [...] associada a concepções sobre a profissão definidas como vocação, amor, abnegação, doação e missão [...]” (FONTANA, 2005, p.24).

Dametto e Esquinsani (2015, p. 150), asseguram que,

[...] a ambiguidade entre o doméstico e o científico chega até os dias de hoje em que, no cotidiano da educação infantil, predomina a utilização de termos como “professorinha” ou “tia”, que configuram uma caracterização pouco definida da profissional, oscilando entre o papel doméstico de mulher/mãe e o trabalho de educar.

O fenômeno de indiferenciação de papéis mãe/professora tem implicações contemporâneas, principalmente na educação infantil e ensino fundamental séries iniciais, marcando uma não distinção entre maternidade, atribuições de dona de casa e à docência.

Nesse contexto vocacional, algumas professoras constroem a identidade baseada na aceitação da docência, por meio de práticas educativas cotidianas, na sociedade contemporânea muitos estereótipos se formam quando o assunto é construção da identidade feminina, a forte influência da crença de que a mãe protetora se associa a concepção da profissão na docência como vocação, amor, dedicação (características naturais das mulheres) são alguns dos fatos sacerdotais vocacionais que contribuem para

a formação da identidade da professora (GIL; PACHECO, 2020).

2.2 A identidade da professora

Para Ataíde e Nunes (2016, p.172) a identidade é a junção entre “[...] elementos caracterizadores dos indivíduos e localizados no tempo e no espaço de forma a torná-los singulares, inconfundíveis no conjunto de seus pensamentos, sentimentos e ações [...]”. Assim sendo, ainda conforme as autoras, na atualidade essa questão da identidade da docência feminina está atrelada a alguns estereótipos que levam tais professoras a aceitação natural do “ser” docente, figura essa que vem se desenvolvendo desde o ensino fundamental.

A identidade é configurada, segundo Ataíde e Nunes (2016, p.176), na construção e reconstrução cotidiana “[...] utilizando-se as percepções sobre os diferentes aspectos, que compõem a realidade, juntamente, com os sentimentos e as vivências pessoais e coletivas[...]”. Dessa forma, a identidade das professoras é construída por meio de realização da prática de atividades, na disponibilidade de modelos profissionais e em discursos da coletividade no espaço de atuação.

Um fator pertinente ao debate sobre identidade da professora está voltado a má remuneração oferecida no magistério, isso ocorre principalmente no ensino fundamental e no médio, assim, a identidade é afetada de maneira negativa, o baixo salário afeta a autoestima e a qualidade de vida das docentes (PAULA, 2009). Outros fatores como o desgaste psicológico e mental, atividades repetitivas, tristeza, quadro depressivo elencam o cenário afetado, tudo isso afeta na construção da identidade das docentes femininas, a sobrecarga resulta na perda da identidade docente (DWORAK; CAMARGO, 2017).

A identidade da mulher professora, argumenta Gil e Pacheco (2020, p.6),

[...] vai se construindo dentro deste emaranhado de vivências, saberes, lutas da própria mulher para ter um espaço no mercado de trabalho, para ter voz dentro da sociedade marcada ainda pelo patriarcalismo, e ainda as próprias subjetividades do ser mulher, que além da profissão docente trás as tramas da natureza feminina que também influenciam em sua prática docente e compõe a sua identidade.

Assim, Sousa e Melo (2017, p.120) trazem a reflexão de que, ainda existem percalços em relação a identidade da professora, muitos paradigmas não foram, e que “[...] esperando-se dessas mulheres uma atuação extremamente parecida com a das mães, fato este que gerou (e gera ainda hoje) uma desvalorização e falta de identidade da professora [...]”. Sim, a desvalorização é um dos eixos mais destacados que afeta de maneira abrangente a identidade da professora mulher (NEVES; SILVA, 2016).

No que se refere as discussões sobre a identidade da professora mulher, especificamente, verificou-se uma incipiência em produções científicas no cenário

nacional. Há farto material de pesquisas acerca da identidade docente, no entanto, são generalistas, não distinguindo as especificidades históricas, culturais e de gênero constituintes dos sistemas classificatórios do “ser professora”.

A investigação da identidade da professora ainda em formação inicial é temática trazida por Martins e Junior (2015) em um estudo investigativo narrativo, cujo objetivo foi o detalhamento da formação inicial de uma professora. Os resultados apontam que alguns fatores sociais e culturais levaram a professora pesquisada a escolher licenciatura: o desempenho na disciplina de física, a convivência com o professor da matéria a admiração que por ele nutria, sendo fator crucial para destaque como aluna e monitora da sala. Assim, a associação de fatores pessoais, como laços familiares, e escolares fizeram com que a identidade docente da professora fosse construída. Além destes, verificou-se também os colegas próximos como influências para descoberta do “eu docente”, através da disposição à conexão, no qual a professora organizava grupos de estudos com os colegas fora do período de aula, oportunidade para troca de saberes e experimentações do fazer docente.

Em pesquisa realizada por Guimarães (2018), a identidade docente de professoras da Educação Básica é colocada na ótica dos sentidos e significados atribuídos à docência pelas próprias profissionais. Os resultados indicaram três principais fatores desencadeadores da construção da identidade docente, a saber: os familiares, o limite em escolher um curso conforme os padrões (condição) para cursar uma graduação e o trabalho em lares de outras famílias. A pesquisa constatou que o desenvolvimento da identidade das professoras fundamenta-se nas experiências pessoais e profissionais, tendo como o gênero vieses de identificação, tais como o da mulher social com seus afazeres de matriarca em estado de perfeição, ou o da mulher que descontrói a teoria de uma de submissão feminina com vistas a mulher independente.

Indica-se nesse entendimento um importante elemento constituinte da construção da identidade profissional da professora. Domingues e Vale (2017) apontam que a identidade docente está baseada na vivência das professoras, o que implica ter uma percepção relacionada a complexidade da construção da identidade feminina na docência. Assim, segundo Faistel (2006), os discursos das professoras, sua vivência cultural e social, além da própria história, constitui elementos fundamentais para enunciar-se docente.

Os espaços sociais e culturais de construção de identidades de professoras também são tema da pesquisa de Anjos et al (2015), que ainda acrescentam um fator de fundamental importância subjetiva – a maternidade. Essa, tomada como referência das construções identitárias das professoras, significando à docência feminina como ‘espelhamento’ das funções de mãe. As implicações que geram a ligação maternal a profissional marca a figura feminina em sua trajetória, um processo que nunca

desvinculou seus atributos de sobrecarga, composto por tradições em âmbitos culturalmente delimitados. Sobre isso, Vasconcelos e Andrade (2004), acrescentam como efeito, uma naturalização do papel de mãe e professora, de modo que as professoras passam por dramas em ter que cuidar de alunos e da vida pessoal, num cenário de dualidades, em que os atos performativos são os elementos que constroem a identidade.

No campo da relação identidade e feminização, Ataíde (2013) destaca que as professoras defendem o processo de identidade como um sentimento de pertencimento a profissão, construído no trajeto da formação profissional. Evidenciaram-se os marcadores gosto e sentimentos em ser professora como processos que são construídos nas práticas interativas constantes e disponíveis nos espaços sociais, esse sentimento de afeto e aconchego é um dos principais pontos que atestam o gostar em sala de aula.

Conforme visto, as tendências identitárias que mais se destacam nas pesquisas mencionadas são as ligações do papel da docência feminina em sala de aula com os compromissos inerentes as tarefas da maternidade ou o estigma de dona do lar, os resultados dessa mistura levam a mulher a uma posição social de desgaste e consequentemente resulta em uma péssima qualidade de vida. E nesse contexto da profissão docente, uma das características desse processo paira entorno da satisfação (ou não) das professoras na profissão.

3 SATISFAÇÃO PROFISSIONAL

A seção objetiva apresentar a satisfação profissional de professoras como uma dimensionadora de suas práticas de ensino, que incide tanto em suas escolhas pedagógicas, quanto de capacidade formativa e de ressignificação da própria docência em suas ações e afetos.

Considerando os marcadores históricos da mulher professora no Brasil, bem como os fatores que convergiram para uma identidade docente feminina, orientada pelas vivências e trocas nos espaços sociais, a satisfação profissional docente, emerge como um componente relevante de análise.

De modo geral, segundo Alves et al. (2014), a satisfação profissional é resultante de motivação. Esta, operacionalizada por um conjunto de fatores correlacionados como reconhecimento, realização e conquistas, atividades desenvolvidas, responsabilidades e progressão. Nesse conjunto, Pedro e Peixoto (2006) salientam que a satisfação profissional feminina na docência depende de aspectos sociais uma vez que, a tarefa da educação causa uma sobrecarga na mulher, ainda mais se tratando de crianças. A profissão quando ligada a conjuntos maternos torna exausta a atividade de ensinar. A satisfação profissional com êxito é aquela em que a professora, ao estar na sala de aula desenvolve atividades dentro de seus parâmetros psicossociais, passando confiança aos alunos e que alcançando a liberdade dos estereótipos sociais.

Nos apontamentos de Anjos et.al (2015) a satisfação feminina acontece quando outros fatores sociais como o “ensino mais humano” são entrelaçados. Durante a realização da pesquisa dos autores, algumas professoras relataram que se sentem satisfeitas e gratas na maneira como seus alunos conseguem se desenvolver.

Outro ponto de relevância para a satisfação profissional da professora são as ligações motivacionais. Wiebush et al (2020), reforçam que uma das motivações para a satisfação profissional da professora mulher está relacionada com o bem-estar profissional no ambiente laboral. Este, tem ligação com elementos intrínsecos, provocados pela realização e valorização profissional e a relação construída com os alunos, pelo envolvimento estudantil e pelo suporte da participação familiar. Constatou-se, portanto, que os elementos intrínsecos levam a motivação das professoras, uma vez que, tais fatores ocasionam a realização profissional e pessoal.

Paula (2009), corrobora com esse entendimento quando destaca os motivos como desencadeadores do bem-estar, sendo intrinsecamente ligados a satisfação profissional da professora. A autora enfatiza que ensinar é a razão da profissão, uma fonte de satisfação, que tem nas pequenas coisas os motivos para gostar e permanecer, esses conectados ao afeto, ao reconhecimento e ao carinho.

De forma ampla, há uma dependência de aspectos sociais uma vez que a tarefa da

educação causa uma sobrecarga na mulher, ainda mais se tratando de crianças. De acordo com Shuch (2016), a profissão quando ligada a conjuntos maternais torna exausta a atividade de ensinar. A satisfação profissional com êxito é aquela em que a professora ao estar na sala de aula possa desenvolver atividades dentro de seus parâmetros psicossociais, que passa confiança aos alunos, que alcança a liberdade dos estereótipos sociais, “[...] isto é, assumir sua liderança em sala de aula, obter satisfação profissional na realização do seu projeto de vida como educadora” (SHUCH, 2016, p.582).

Coelho (2001) enfatiza que a qualidade de vida é um fator crucial, não que essa expresse a satisfação, mas os aspectos que a compõem, contribuem na realização satisfatória da profissão (COELHO, 2001). Corroborando nesse ponto, Zibetti e Pereira (2010), acrescentam que o não cumprimento das atividades no ensino, a exaustiva tarefa doméstica, familiar e a dedicação ao preparo do plano de ensino escolar se não efetivados de forma coerente influencia nos aspectos qualitativos da vida, derivando uma insatisfação profissional

Nesse campo temático, adicionam-se as ponderações de Paiva e Lima (2018), sobre a constante alienação trabalhista da professora provocada pelo capitalismo. O domínio capitalista e patriarcal adoece a dinâmica de atribuições nos aspectos profissionais e pessoais. A cultura machista infere/condiciona o ser professora aos atributos maternos e o ser dona de casa e essa combinação de afazeres acarreta uma sobrecarga, gerando mal-estar. Esse panorama de imposição de múltiplas funções, revela que a professora acaba não alcançando a satisfação profissional. As autoras levantam uma necessária reflexão sobre a busca da educação justa e de qualidade, com implementação igualitária de atividades sem a exigência de que a mulher seja uma constante “fábrica trabalhista” em aspectos profissionais, pessoais e sociais.

Esses são alguns conjuntos epistemológicos presentes no processo de satisfação profissional da professora mulher que emergiram na pesquisa bibliográfica, representando a relevância e pertinência do estudo desse qualificador identitário da professora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresenta evidências de uma análise a respeito da mulher professora na docência e a satisfação profissional, expondo a intrínseca relação entre o processo histórico da inserção da mulher na docência e a constituição da sua identidade, e como atualmente esses elementos impactam na satisfação profissional dessa professora.

A pesquisa propiciou reflexão de pontos primordiais na descoberta do “ser” professora. Nessa exploração, verificou-se que o contexto histórico influencia na trajetória da docência feminina e que os aspectos predominantes do papel de “tia” ainda pairam em sala de aula estagnando o processo de identidade docente. Também se distingue a satisfação e sua relação com os aspectos culturais, sociais e pessoais, construída a partir das vivências/experiências (DOMINGUES; VALE, 2017).

Trilhar o percurso da trajetória da mulher na docência remete a um olhar reflexivo entorno desse processo, a iniciar pelo contexto histórico das mulheres em sala de aula. Para tanto, os resultados alcançados conforme a pesquisa aponta para nortes que definem a identidade como uma constante construção e desconstrução cotidiana, os fatores que impulsionam a construção identitária vão desde o sentimento de pertencer a profissão a desvalorização do trabalho docente, e um dos eixos de motivação para a construção da identidade docente feminina se atrela a relação familiar. A constituição do papel da mulher está interligada aos ofícios maternos e profissionais, segundo os levantamentos bibliográficos realizado.

Diante dos motivos expostos para a satisfação profissional, em destaque estão as ligações motivacionais, seja por meio do afeto de alunos e colegas de trabalho, ou por intermédio das condições de valorização por parte da escola nessa profissão. Os pontos sociais e pessoais fazem parte da satisfação profissional, sejam positivos ou negativos, uma vez que, a tarefa da professora-mulher-mãe não consiste apenas em afazeres domésticos condicionados a profissão da professora em sala de aula. Por isso mesmo, verificou-se que a exaustão demasiada acarreta resultados insatisfatórios na profissão.

É válido ressaltar que a realidade condicionada da trajetória a professora mulher depende de muitos fatores sociais, pessoais e culturais. O caminho traçado pela mulher na profissão no campo educativo foi a longo passo construindo a história/profissão docente, a luta por um espaço foi/é necessária para que a mulher seja inserida no lugar desejado. Por isso mesmo a pertinência desse estudo como recurso de reflexão e problematização da docência feminina no currículo do curso de formação docente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J.S. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo, Editora UNESP, 1998.
- ALVES, M. G; AZEVEDO, N. R; GONÇALVES, T. N.R. Satisfação e situação profissional: um estudo com professores nos primeiros anos de carreira. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, Portugal. **Educ. Pesqui., São Paulo, Ahead of print**, jan. 2014. Disponível em:
<https://onedrive.live.com/?authkey=%21AH5tXK2c9oKuoyA&cid=374D9A76EAD11A90&id=374D9A76EAD11A90%21219&parId=374D9A76EAD11A90%21103&o=OneUp> Acesso em: 29 Agos. 2021.
- ANJOS, H.P; et.al. Gênero, identidade e educação especial: história de professoras. **Revista Cocar**. Belém/Pará, Edição Especial, N.1, p. 229-247, jan-jul 2015.
- ATAÍDE, P.C; NUNES, I.M.L. Feminização na profissão docente: as representações das professoras sobre a relação entre ser mulher e ser professora do ensino fundamental. **Revista Educação e Emancipação** São Luís, v. 9, n. 1, jan./jun. 2016.
- ATAIDE, P. C. **Identidade e feminização docente: o olhar das mulheres professoras da rede pública municipal de ensino de São Luís MA**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Univ .2013. Disponível em:
<https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/261>. Acesso em: 16 Nov.2021.
- BRUSCHINI, C; AMADO, T. Estudos sobre a mulher e educação: Algumas questões sobre o magistério. **Cad. Pesq.**, São Apulo 4-13, fev.1988. Disponível em:
<http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/1179/1184>. Acesso em: 10 Mar. 2021.
- CHAMON, M. **Trajetória de feminização do magistério: ambiguidades e conflitos**. Belo Horizonte, MG: Autêntica: FCH-FUMEC, 2005.
- COELHO, V.P. **Trabalho e maternidade no cotidiano de professoras do ensino superior**. Disponível em:
<https://www.cibs.cbciss.org/arquivos/TRABALHO%20E%20MATERNIDADE%20NO%20COTIDIANO%20DE%20PROFESSORAS%20DO%20ENSINO%20SUPERIOR.pdf>. Acesso em: 04 Nov. 2021
- DAMETTO, J; ESQUINSANI, R.S.S. Mãe, mulher....Professora! Questões de gênero e trabalho docente na agenda educacional contemporânea. **Acta Scientiarum**. Human and Social Sciences Maringá, v. 37, n. 2, p. 149-155, July-Dec. 2015.
- DOMINGUES, C.M; VALE, D.O.C. **Identidade e subjetividade na profissão docente**. II Congresso Interdisciplinar de pesquisa, iniciação científica e extensão. BH, 2017. Disponível em: <http://izabelahendrix.edu.br/pesquisa/anais/arquivo-2017/identidade-e-subjetividade-na-profissao-docente>. Acesso em: 28 Out.2021.
- DWORAK; A.P; CAMARGO.B.C. Mal-estar docente: um olhar das professoras e coordenadoras pedagógicas. **Caderno temático – Olhar de professor**. Universidade Estadual de Ponta Grossa. v. 20, n. 1, p. 109-121, 2017.
- FAISTEL, A.L.K. **A construção da identidade nos discursos das professoras**. Dissertação. Universidade Regional de Noroeste. 2006. 119p

FERREIRA, A. T. B. A mulher e o magistério: razões da supremacia feminina (a profissão docente em uma perspectiva histórica). **Tópicos Educacionais**, v. 16, n. 1–3, p. 46–61, 1998.

FONTANA, R.A.C. **Como nos tornamos professoras?** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GIL, M.I.S; PACHECO, M.L.T. Discussões sobre a construção da identidade docente da mulher professora. **CONEDU 2020**. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2020/ebook3/TRABALHO_EV140_MD7_SA100_ID2693_17092020222207.pdf. Acesso em: 28 ago.2021.

GUIMARÃES, M. D. **A identidade profissional de professoras da Educação Básica: sentidos e significados atribuídos à docência**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/38333>. Acesso em: 28 Out.2021.

LOURO, G.P. Mulheres na sala de aula. In.: DEL PRIORI, M. (Org). **História das mulheres no Brasil**. 7.ed. São Paulo, Contexto, 2004.

MARTINS, A.M; JUNIOR, P.L. identidade e desenvolvimento profissional de professoras de ciências como uma questão de gênero: O caso de Natália Flores. **Investigação em ensino de ciências**. V.5, n. 3, p 626-629, Dez. 2020.

NEDER, R.M. Ser professora: entre os ranços da maternagem e a profissão. Dissertação. Universidade Federal da Bahia. 2005. 219 p.

NEVES. M.Y.R; SILVA.E.S. A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental. **Estudos e pesquisa em Psicologia**. V.6, n.1, 2006.

NÓVOA, A. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação & Realidade** [online]. 2019, v. 44, n. 3. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-623684910>>. Acesso em: 28 de Out. 2021.

PAIVA, L.M; LIMA.R.R. **Mal-estar docente da mulher professora na sociedade capitalista**. Disponível em: <https://www.2018.congressohistoriajatai.org/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmF0cyI7czoZNDoiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZPIjtzOjM6IjQ1MSI7fSI7czoZoiJoIjtzOjMyOiI3ZmQwZTViYWU4N2FmZjFiMmVmZmZjZWMwMmNkZTFmZCI7fQ%3D%3D>. Acesso em: 04 Nov.2021.

PAULA, A.C.R.R. **Por entre tramas e fios: o estresse e o bem-estar de professoras em uma escola pública de Uberlândia – MG**. Dissertação. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em educação. 2009. 132f.

PEDRO, N; PEIXOTO, F. Satisfação profissional e auto-estima em professores dos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico. **Análise Psicológica** (2006), 2 (XXIV): 247-262.

Disponível em:

<https://onedrive.live.com/?authkey=%21AGDPaMawvqGGQFE&cid=374D9A76EAD11A90&id=374D9A76EAD11A90%21220&parId=374D9A76EAD11A90%21103&o=OneUp> Acesso em: 29 ago. 2021.

SHUCH, M.A. A mulher professora e a professora mulher: um estudo acerca da responsabilidade docente. **Anais II Cong. Int. Uma Nova Pedagogia para a Sociedade**

Futura | ISBN 978-85-68901-07-6 | p.580 - 587| set. 2016.

SOUSA, A.R; MELO, J.C. Como se constrói a identidade de professores na educação infantil. **Revista Humanidades e Inovação** v.4, n. 1, 2017.

VASCONCELOS, F; ANDRADE.M.C.M. **A mulher professora: gênero e constituição da identidade docente**. 2004. Disponível em:
<https://www.anped.org.br/biblioteca/item/mulher-professora-genero-e-constituicao-da-identidade-docente>. Acesso em: 19 Out.2021.

WIEBUSCH, A; et.al. Motivação docente: permanência ou desistência na profissão? **Revista Educação em Perspectiva**. Viçosa, MG. V. 11, p.1-16, 2020.

ZIBETTI., M.L.T; PEREIRA.S.R. Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 2, p. 259-276, 2010. Editora UFPR.